

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM HARTMUT BITOMSKY
18 de Dezembro de 2025

DER VW KOMPLEX / 1989 ("O COMPLEXO VOLKSWAGEN")

Realização, Argumento e Montagem: Hartmut Bitomsky *Fotografia:* Axel Block *Som:* Gerhard Metz.

Produção: Big Sky Film, FAZ-Film, WDR (Alemanha, 1989 *Primeira apresentação pública:* 14 de Fevereiro de 1990, no Festival Internacional de Cinema de Berlim *Cópia:* digital (DCP), cor, 93 minutos, falada em alemão, legendada em inglês e eletronicamente em português

Sessão apresentada por Billy Woodberry, em inglês.

Der VW Komplex encerra um conjunto de filmes, feitos por Hartmut Bitomsky ao longo da década de 1980, que ficou mais ou menos informalmente conhecido como a “Trilogia da Alemanha”. O primeiro, **Deutschlandbilder** (“Imagens da Alemanha”), partia da produção propagandística do III Reich, do seu fabrico e apropriação de “imagens da Alemanha”, e o segundo, **Reichsautobahn** (“Auto-Estradas do Reich”), virava-se para um dos maiores símbolos da modernização infraestrutural levada a cabo pelo regime hitleriano, a rede de auto-estradas através da Alemanha que ainda hoje alimenta a mitologia de um país altamente “motorizado”, ou “automotorizado”. **Der VW Komplex**, filme centrado num dos principais construtores automóveis alemães, a Volkswagen, ela própria uma criação do Reich, nasceu, muito logicamente, desse filme das auto-estradas, porque – e palavra a Bitomsky – “as *autobahn* e a motorização das massas estão interligadas”.

As interligações são muitas, e muito mais do que só essas, como é evidente, e um dos traços gerais da “trilogia da Alemanha” passa mesmo pela investigação – até frequentemente com uma ponta de ironia – de coisas que “interligam” a Alemanha nazi à República Federal da Alemanha (que, como a sua congénere do Leste, estava prestes a acabar no momento da estreia de **Der VW Komplex**, no último ano completo, 1989, das “duas Alemanhas”). É óbvio, aqui, que essa “ponta de ironia” está logo no título, porque se adivinha que ele joga com a duplicidade da palavra “komplex”, “complexo”, que tanto designa um conjunto de edifícios ou equipamentos preparados para um objectivo (por exemplo, um “complexo fabril”, como se diz habitualmente), como com o sentido patológico que a palavra tem na psicologia (como também é habitual dizer-se que fulano tem um “complexo de inferioridade”, ou de “superioridade”, etc). E, se não se adivinhasse, Bitomsky explicava-o: “*o que é um complexo? Uma estratégia psíquica que organiza de forma planeada processos intrincados e ao mesmo tempo os torna imperscrutáveis; uma hiperatividade em torno de um defeito que é acentuado*

de tal forma que se torna insondável – um defeito que não deve vir à tona, mas permanecer no fundo, onde o prejuízo permanece por reparar”.

Frase que dá pano para mangas, que no fundo são as mangas que Bitomsky cose ao longo da hora e meia de **Der VW Komplex**. A “fábrica” e a “estratégia psíquica”, o que as “interliga”, o que enlaça ambas na relação da Alemanha Federal com a sua predecessora nazi. É bem dos alemães, este interesse, na História, pelas coisas que “permanecem no fundo”, um fundo que tanto é “geológico” como “psicológico”, encontramos-lo em Alexander Kluge, por exemplo, assim como o encontramos no principal discípulo de Hartmut Bitomsky, Christian Petzold – porque nos ocorre, e dava um ótimo “double bill” com **Der VW Komplex**, o seu **Wolfsburg**, filme que tem o mesmo nome da cidade da Volkswagen, a cidade que cresceu em torno das enormes fábricas que a Volkswagen construiu, ou fizeram construir para ela, numa zona em que dantes não havia nada de remotamente parecido com uma cidade.

Entre as “pontas de ironia” do filme está a sugestão – que fica assim, uma “sugestão”, nem chega a ser uma “tese” num filme que não tem propriamente teses a apresentar – de que o sonho, ou o ardil, subjacente à criação da Volkswagen pelo III Reich só foi verdadeiramente cumprido na democracia da Alemanha Federal. O sonho, que devia levar aspas, tal como apregoado por Hitler, era dar um carro a cada alemão, o “carro do povo”, o “volkswagen”. Mas isso, no imediato, era mais um ardil: a anunciada produção massiva de Volkswagens “para o povo” nunca teve, durante o III Reich, a escala prenunciada, as filas de espera era longuíssimas, e sobretudo a partir de 1939 e do começo da II Guerra o “complexo Volkswagen” foi posto muito mais ao serviço dos desígnios militares do que da motorização das massas civis – Bitomsky evoca até uma anedota muito popular, e presume-se que muito clandestina, do tempo dos nazis, sobre o tipo que, cansado de esperar pelo seu Volkswagen, começou a roubar peças para o montar em casa, mas não dava, porque sempre que juntava as peças saía-lhe um tanque.

Ao contrário dos outros filmes anteriores na trilogia, **Der VW Komplex** depende muito menos da montagem de imagens de arquivo. Elas existem, e em grande quantidade, de vários tipos e de várias épocas, mas disputam a primazia com as imagens captadas por Bitomsky e pela sua equipa. É que o “complexo”, no sentido fabril do termo, interessa-lhe mesmo, e muito do que Bitomsky filma tem a ver com as fábricas e com o seu espaço, com a articulação delas com a cidade e com a história da cidade (alguns apontamentos muito curiosos, por exemplo sobre a origem de um bairro de Wolfsburg conhecido como a “pequena Moscovo”), e sobretudo com a automatização da cadeia de trabalho. Esta automatização plena – é “o trabalho no fim da era industrial”, dado de maneira que em certos planos a “varrer” o espaço muito lembra o **British Sounds** do Grupo Dziga Vertov – é de certa forma ainda outra ironia histórica quanto ao cumprimento do sonho nacional-socialista, a organização extrema, a automatização de tudo, a eficiência total. Nada disto tem que ser explicitado - nem a conversão dos “slogans”, que em rima para as proclamações vagas do nazismo faz aparecer as vagas proclamações do capitalismo “corporate”, aquelas coisas que não querem dizer nada mas que na “langue de bois” dos executivos são aparentemente a definição da “essência” da Volkswagen, paleio redondo como “inovação na tradição” e etc. Mas nada sendo explicitado, fica, justamente, como “complexo”, como “o que não deve vir à tona mas permanecer no fundo”. Resta o sonho de Hitchcock como potencial revelador: o carro que, depois de passar por todas as etapas da cadeia de montagem, tem um cadáver lá dentro. É, seria, digamos, o célebre “fantasma na máquina”. Mas, no fundo, é só dele que Bitomsky fala.

Luís Miguel Oliveira.